



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13159 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

OS 'USOS' DOS ARTEFATOS NOS COTIDIANOS EM CONVERSAS

Izadora Agueda Ovelha - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Juliana Rodrigues - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Alessandra da Costa Barbosa Nunes Caldas - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

OS 'USOS' DOS ARTEFATOS NOS COTIDIANOS EM CONVERSAS

Resumo

O presente artigo tem a finalidade de propor uma conversa, a respeito dos 'usos' dos artefatos tecnológicos antes e pós-pandemia, com a finalidade de tecer redes educativas com docentes acerca das questões que vivenciam nos diversos currículos e seus cotidianos. Diante da pandemia, esse movimento da necessidade do 'uso' dos artefatos tecnológicos ficou visível, permitindo a criação de '*conhecimentossignificações*', em pesquisas com os cotidianos. Nesse texto, trazemos: Alves e Oliveira; Certeau; Deleuze e Guattari, para compreendemos que as imagens, os sons e as narrativas, produzidas nas conversas, são "personagens conceituais".

Palavras-chave: Artefatos. Redes Educativas. Currículos.

As mudanças nos cotidianos por conta da pandemia do Corona vírus são evidentes. A invasão do mundo virtual foi inevitável nas casas, principalmente dos professores/estudantes/pais. O mundo virtual sendo descoberto por muitos de um jeito que aconteceu muito rápido, sem ninguém esperar ou se preparar.

Tudo foi mudando devido à necessidade imediata e como não podíamos parar, tivemos que nos adaptar à nova realidade. As aulas que puderam, com docentes e discentes, passaram a ser online, reinventando '*aprendizagensensinos*'^[1], com aulas online, com muitas famílias se adaptando para estarem juntos nessa trajetória. Lembremos que

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia,

pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...]é um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.[...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível (CERTEAU, 1996 p.31).

As aulas presenciais inicialmente foram suspensas, como medida de segurança, porém, as escolas básicas particulares e públicas permaneceram de maneira remota. De forma brusca, diversos docentes foram inseridos de forma intensa nas tecnologias digitais. Pacotes de internet foram ampliados para que pudesse ‘dar conta’ da nova realidade de diversos docentes. Plataformas que antes eram distantes de alguns docentes e discentes, foram utilizadas a todo vapor.

Cada escola se adaptou de um jeito. Aulas online no horário em que o aluno estudava; aulas online apenas de uma hora; aula em dias alternados; vídeo-aula gravado por docentes. Trabalhos enviados para os pais fazerem com as crianças em casa... Muitas possibilidades foram criadas, pensando também na realidade e disponibilidade de cada família.

Foi um momento de se ajeitar para pensar nas possíveis alternativas. Se fosse aula síncrona, a família teria que ligar o computador e colocarem seus filhos para acompanharem no horário marcado. Se fosse aula assíncrona, eles teriam que disponibilizar algum tempo para ajudar seus filhos a assistirem as aulas em formato de vídeo, e ajudar nas atividades propostas pelos docentes para serem feitas em casa. De todos os modos, porém, a pandemia escancarou as desigualdades educacionais e financeiras no nosso país.

E hoje conseguimos continuar com os ganhos tecnológicos? Como podemos 'ocupar' o s '*espaçostempos*' do online para momentos de partilhas dos nossos '*conhecimentossignificações*'?

Pesquisadores/ docentes e as possibilidades cotidianas no ambiente virtual na pandemia e a partir das aulas presenciais

A cibercultura é para nós não apenas o contexto ou o nosso próprio tempo histórico, mas, também e, sobretudo, um campo de conhecimento que se atualiza no e com os cotidianos (SANTOS, 2020).

Pensando com os cotidianos, entendemos que os '*espaçostempos*' escolares não são impermeáveis, embora muitos tentem vê-los com muros intransponíveis. Todas as práticas sociais e todos os modos de pensar a sociedade, os seres humanos e a natureza interferem em tudo aquilo que é produzido neles. Todo e qualquer movimento externo às salas de aula ou às escolas trazem '*conhecimentossignificações*' diferentes, sugerem modos diferentes de atuar e pensar. Nos múltiplos contatos entre os '*praticantespensantes*', são tecidas novas redes nas quais se dão apropriação, reprodução e criação de '*conhecimentossignificações*' '*teóricospráticos*', tornando os '*espaçostempos*' escolares mais abrangentes. Assim, todos que entram nas escolas, como pertencem a muitas outras redes, trazem consigo as tantas tessituras de '*conhecimentossignificações*' formadas nessas tantas redes pelas quais circulam e, ao

saírem das escolas que frequentam, levam o que nela *'aprenderam ensinaram'* para essas redes.

Os artefatos tecnológicos se tornaram essenciais muito rapidamente, apesar de cotidianamente lidarmos com a internet e suas interfaces, não estamos acostumados a nos encontrarmos somente online, porém é incrível ver como podemos ter múltiplas possibilidades de comunicação. Isso tudo nos mostra o quanto nossos *'espaçostempos'* estão sempre em movimento, sempre abertos a novas possibilidades em nossos cotidianos cercados de conversas.

Nesses tantos contatos, as conversas nos levaram a Maturana (1997), lembrando:

Ao fluir o nosso emocionar num curso que é o resultado de nossa história de convivência dentro e fora da linguagem, mudamos de domínio de ações, e, portanto muda o curso de nosso linguajar e de nosso raciocinar. A esse fluir entrelaçado de linguajar e emocionar eu chamo conversar, e chamo conversação o fluir, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar. (MATURANA, p. 172)

Muitas são as conversas e as maneiras de se conversar. No emaranhado delas vemos diversas ações serem executadas, como o simples ato da escolha de estar nela.

Para que haja uma conversa, precisa que o outro também escute, fale, exponha suas ideias, mas não necessariamente precisa concordar ou aceitar o que o outro diz. Contudo, isso torna mais rica ainda a experiência, pois a vida não é sempre serena e sossegada, a vida é um caos, ilimitado e indefinido. LARROSA (2003) que nos apresenta o sentido de conversa dizendo:

nunca se sabe aonde uma conversa pode levar...uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra...e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto...e essa é a maravilha da conversa...que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer...

E, mais ainda, o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo... Pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... (p. 212).

Para nos ajudar a pensar sobre toda essa questão das conversas e dos *'usos'* de diferentes artefatos nos processos de *tessitura* de nossas relações e *'conhecimentossignificações'* vamos Deleuze e Guattari (1992) e seus personagens conceituais ^[2] que, segundo Alves (2010)

são, (...) aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com que se *'conversa'* e que permanece presente muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos e a compreensão de significações nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva, para que novos conhecimentos apareçam, para que lógicas se estabeleçam (p. 1.203).

Então, os personagens conceituais nos ajudam a pensar nos *'conhecimentossignificações'* que surgem nos nossos processos de pesquisa.

Acreditamos muito nos ‘usos’ que os recursos tecnológicos possam ter, pois vêm permitindo troca de diversos tipos nas inúmeras redes educativas nas quais criamos, permanentemente, o que permite o surgimento de inúmeros ‘*conhecimentossignificações*’, já que estes recursos começaram a ser usados ‘*dentrofora*’ das escolas, com participação intensa de todos, por docentes, por discentes. Seus ‘usos’ em processos curriculares tem crescido e trazido contribuições importantes para as ações pedagógicas e nas pesquisas que desenvolvemos.

Usando e ‘*fazendopensando*’ com os usos dos artefatos culturais/tecnológicos nos processos de ‘*ensinoaprendizagem*’ vamos tentando produzir a compreensão de como – na falta deles e com sua presença – docentes e discentes vêm produzindo mudanças cotidianas nas escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Redes Educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola, DALBEN, Ângela e LEAL, Júlio Diniz Leiva (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010: 49-66.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 – Morar, cozinhar*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro. Editora 34, 1992.

LARROSA, Jorge. A arte da conversa. *Pedagogia improvável da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 211-216.

MATURANA, Humberto. *De máquinas e seres vivos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTOS, Edméa. *O caminhar na educação* [recurso eletrônico]: narrativas de aprendizagens, pesquisa e formação 1 / Edméa Santos, Leonardo Rangel. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

[1] A utilização desses termos – reunidos, em itálico, com aspas simples – tem a ver com a necessidade de mostrar que as dicotomias que foram vitais na criação dos ‘*conhecimentossignificações*’ científicos, na Modernidade, hoje significam limites para o que é necessário criar em ciências, pelo menos em Educação.

[2] Ideia desenvolvida por *Deleuze e Guattari* como sendo o “*heterônimo do filósofo*”, um elo intercessor para reflexão